

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 208 — Domingo, 2 de Junho de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12
Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

DE VEZ EM QUANDO

AMAR O PRÓXIMO...

CALHOU desta vez virem a julgamento dois homens, guardas do Hospital-Leprosaria Rovisco Pais. E ficou sabendo que para cima de mil desgraçados sofrendo da horrenda doença ali estão internados. Mil infelizes que vagueariam ao acaso, corridos de todos, contaminando, semeando o mal por entre nós todos, se não fora o gesto benficiente, magnífico desse Rovisco Pais, homem rico, senhor de uma fábrica de cereja com imensos lucros, vivendo na obscuridade de uma riqueza improdutiva, e que, de repente, por sua morte, ergue o seu nome em beleza, esculpe-o na mais duradoura de todas as imortalidades — a do bem que se pratica, sem esperar réplica.

Rovisco Pais legou a sua fortuna com o propósito de com ela se fundar uma leprosaria. Sem esse gesto, quem se lembra-

ria hoje do seu nome, onde se encontrava a sua sepultura e que epitáfio teriam gravado nela? Sómente alguns parentes afastados, ociosos bailariam sobre ela, remoendo os restos dum jaustoso e inesperado festim.

Curro-me, como o e respeitoso, ante a memória deste homem que, ao despedir-se da vida terrena, soube ser um Homem.

Vejo por aí tantos ricos fofando na sua riqueza como os

PELO

Prof. TRINDADE E LIMA

porcos na sua esterqueira, só não comendo o ouro que lhes passa pelas mãos porque ele não é de digerir, esbofetando a miséria dos outros com os alardes dos seus haveres, árvores infrutíferas que até empestam os ares por onde estendem os ramos, que se deviam dignificar, viver humanamente no exemplo daquele homem.

Há pouco, em E'vora, também alguém subiu lembrando-se dos cancerosos — outro horror que tortura, aflige a humanidade — dando, para se fundar um centro

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

GARTA DE PORTIMÃO

JUSTIFICAÇÃO

DE UMA CIDADE

UMA cidade não nasce por acaso, é preciso que diversos factores de ordem social, geográfica e política o influenciem e determinem.

No deserto não há cidades, precisamente porque esses elementos encontram um ambiente ingrato e estéril.

Cidades há, porém, em que tais elementos mais se destacam: há grandes e pequenas cidades. Há cidades fadadas de grandeza; há as que não poderão jamais sair do rotineirismo quotidiano, mau grado a mão do progresso (que actua como força vital) estender hoje seus dedos pelos quatro cantos do mundo. E há ainda uma categoria aparte, uma classe especial de cidade — a que, sendo embora pequena, é grande em potência. Só a cidade em que qualquer dos elementos referidos, principalmente o social ou o geográfico, é nitidamente de menor força que os restantes, ge-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

O "HINO DE SAGRES"

E A "TOPONÍMIA DO ALGARVE"

em memorável sessão

DO NOSSO ORGANISMO REGIONAL EM LISBOA

A «Casa do Algarve», em Lisboa, teve uma das noites de arte mais memoráveis na sua sessão cultural de 22 do mês passado. O programa foi preenchido com a apresentação do «Hino de Sagres», com que a distinta compositora D. Elvira de Freitas recentemente conquistou o «Prémio Libânio Correia», em concurso aberto sobre letra oferecida para o efeito à Direcção da «Casa do Algarve»; uma conferência do ilustre professor e filólogo algarvio sr. dr. José Pedro Machado sobre «Toponímia do Algarve»; e um recital da poetisa-declamadora D. Maria Helena, que terminou pelo admirável poema inédito, da sua autoria, «Fala do Infante aos Marinheiros Algarvios», propositadamente escrito para a sessão — e que reproduzimos noutro local.

Numerosa e distinta assistência encheu literalmente o salão de festas. Presidiu o sr. juiz-conselheiro Sousa Carvalho, ladeado pelos

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

O SERVIÇO DE LIMPEZA NA VIA PÚBLICA DA NOSSA VILA

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA O NOSSO JORNAL DO SUBDELEGADO DE SAÚDE, SR. DR. FRANCISCO DIAS CAVACO

VILA Real de Santo António é das poucas terras do Algarve que se podem orgulhar da limpeza das suas ruas e do aspecto aseado e prazenteiro das fachadas da maioria dos seus prédios.

Dotada de uma rara simetria urbanística, com as suas ruas rectilíneas e perpendiculares entre si, torna-se, quando dos ventos que sopram de terra ou do mar, toda arejada e possuidora de um ar altamente vivificador.

O serviço de limpeza das ruas está convenientemente provido de materiais adequados e de pessoal experimentado.

Há dias, tivemos o prazer de ouvir, em amena e útil conversa, o sr. dr. Francisco Dias Cavaco, distinto subdelegado de Saúde do nosso concelho, que nos prestou, com a sua proverbial clareza, alguns esclarecimentos do maior

JULIÃO QUINTINHA

Encontra-se em Silves, acompanhado de sua esposa, o nosso ilustre comprouviciano, distinto escritor e jornalista, sr. Julião Quintinha, que à sua terra natal foi procurar um pouco de merecido repouso.

UMA ANTIGA E JUSTA ASPIRAÇÃO

A FALTA DE OPERÁRIOS ESPECIALIZADOS IMPÕE A CRIAÇÃO URGENTE DA NOSSA ESCOLA TÉCNICA

COMO anteriormente, saíram este ano das escolas desta vila e do concelho, assim como da vizinha vila de Castro Marim, umas centenas de crianças com o seu diploma da 4.ª classe.

Muitas delas desejariam prosseguir os estudos, apetrechar-se melhor para a vida, obtendo conhecimentos mais úteis para si e mais proveitosos para a colectividade.

Não o podem, porém, fazer, porque, sendo filhos de trabalhadores e operários, não têm estas possibilidades de

suportar as despesas que acarreta a sua matrícula em colégio particular ou a



Vila Real de Santo António — O novo Jardim da Avenida da República

sua deslocação diária a Faro, que fica a 51 quilómetros.

Que se fará, pois, dessas crianças? Não tendo idade para se empregarem, porque a lei não o consente, e muito bem, ai ficarão alguns anos a esquecerem o que aprenderam e aprendendo no convívio da rua e na ociosidade forçada o que sempre deviam ignorar.

Já se esqueceram as razões que nos davam direito à recriação da nossa Escola Técnica — criada em

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

MAIS TRÊS ESCOLAS NO CONCELHO DE SILVES

Integrados no Plano dos Centenários, foram inaugurados, no passado dia 28 de Maio, três edifícios escolares no concelho de Silves, nos sítios de Vale de Margem (Alcantarilha), Perna Seca e Semedeiro (Messines).

As inaugurações, onde usaram da palavra vários oradores, estiveram presentes o sr. dr. Carlos Alberto Lança Falcão, presidente do Município de Silves, e o sr. prof. António Pires Verdasca, delegado-escolar, além de várias outras individualidades.

Contos Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Eu também

Esteve um domingo bonito, o que passou. Ia eu direita à praia por aquele caminho debruado a eucaliptos, e se lhes quiser dizer em que pensava, devo por força mentir, pois não me lembro. O melhor é dizer a verdade: não pensava, aí está. Ia — não sei se lhes acontece o mesmo de vez em quando — como que dormindo sem sonhos. Como se a cabeça e a alma estivessem cheios de algodão em rama. Não há, nessas alturas, grande diferença entre mim e qualquer ervinha do campo. Um gigante descomunal que passasse pisava-me com a mesma indiferença com que eu piso a grama e os mosquitos quase invisíveis. Podia, ao menos, olhar a paisagem, apreciá-la. A luz, a cor, o artista jogando com um infinito de tonalidades. Pois não senhor! Ceguinha de todo. Aprecio pouco a paisagem, é um jogo de que depressa me farto. Quando me ponho a isso, como quem marca a si próprio uma tarefa, vai tudo bem no primeiro minuto. Mas no segundo round, estou «kock out» com um murro bem dado nos olhos. Estou mais longe dali que do Oceano Pacífico. E se acontece passar alguém — uma criança, um trabalhador do campo, uma camponesa — então o adeus é sem remédio. O pintor desgraçado dizia: «acho mais beleza nos olhos de uma criança do que na grandiosidade celeste.» E eu também.

O chapéu disse adeus duas vezes

Pois, como ia dizendo, no caminho debruado a eucaliptos.

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

PARQUE DE CAMPISMO

Foi inaugurado, no passado dia 28 de Maio, nesta vila, com a presença do sr. presidente da Câmara Municipal, o Parque campista, situado na mata nacional, cerca da Praia de Monte Gordo.

Estavam presentes diversas individualidades da nossa vila, filiados da Mocidade Portuguesa, Escuteiros e bastante público.

A fita simbólica foi cortada pelo sr. José Manuel Pereira, chefe do grupo n.º 60 dos Escuteiros na nossa terra, tendo o acto inaugural usado da palavra o sr. presidente do Município, que foi muito ovacionado.

Procedeu-se, depois, a uma rápida visita às instalações do Parque.

NOVELAS, CONTOS E TIPOS ALGARVIOS

EM BUSCA DE UMA HEROÍNA

QUANDO me propus escrever o meu segundo romance «O Amor do Sul», percorri todo o Algarve litoral de entre S. João da Venda à Luz de Tavira, em busca de uma heroína. Partindo da estrada que liga as duas povoações, para o lado de Olhão, tomei para norte um caminho ladeado de muros de alvenaria, através de hortas cobertas de verdura, com a sua casa regional muito branca ao meio, um engenho em qualquer ponto.

Não sei quanto tempo andei, até que as hortas desapareceram e o caminho se cobriu de árvores rudes. Cortei por outro, na direcção leste, debruado de valados de pedra solta, dos quais sobresafam grossos troncos de árvores gigantes, alfarrobeiras e azinheiras.

Um outro caminho corta para o norte, e eu continuo a caminhar para leste. O terreno mostra agora grandes extensões, semelhante pequenas herdades alentejanas com algumas árvores, alfarrobei-

ras e oliveiras, de majestoso porte.

Depois de ter andado mais duzentos metros, notei, a alguma distância à esquerda, um cerrado arvoredo, de cujo extremo nascente saem verdejantes leiras de batata doce e de feijão. De entre as alfarrobeiras e azinheiras, que

POUR J. DE SOUSA NUNES

acompanham o caminho que segue para norte, alternam romazeiras, vergadas ao peso de frutos e de flores rubroescarlates, e muitas de loendrosos, engrinaldadas de flores do mesmo tom.

Então voltei atrás e tomei a direcção. Quando cheguei a par da segunda romazeira, vi que no terreno ao lado era um pomar de laranjeiras, limoeiros, damasqueiros, dióspiros e outras árvores de fruto.

O rumor de uma nora chegou até mim e fez que eu descorri- nasse, num massiço de árvores de fruto, o engenho movido por

uma vaca. Uma mulher de idade, tecendo a sua empreita de palma, sentada sobre os pés, junto da parte de fora do sulco, ao seu alcance uma verdasca de zambu-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

A PEADEIRO do Guadiana

Contrariamente ao que foi anunciado, inaugurou-se no passado domingo, 26, e não no dia 28, o apeadeiro internacional do Guadiana, numa cerimónia que teve a presença, além do sr. presidente da Câmara Municipal desta vila e de outras autoridades locais, do sr. engenheiro-director dos Portos de Sotavento do Algarve e dos funcionários superiores da C. P., srs. eng. Frederico Abragão, eng. Armando Lopes e Cláudio Pisco, que se deslocaram a esta vila expressamente para esse fim.



apresenta UMA CRÓNICA por semana

VOU reproduzir hoje, nas minhas crónicas, uma tradução adaptada que fiz recentemente e aproveito para perguntar se haverá em Portugal alguma empresa que tenha uma tão vasta organização social para os seus operários.

Aqui vai a tradução:

«A organização social do Piaggio (empresa italiana, construtora de «scooters») desenvolve-se paralelamente ao engrandecimento das suas instalações fabris.

Os operários e empregados encontram na vasta organização da sua indústria

uma assistência material e moral que vai desde a habitação confortável e moderna a todas as facilidades de trabalho.

Um importante «Centro Operário», recentemente fundado, assegura a todos os serviços, nos próprios locais e horas de trabalho, uma atmosfera moderna e acolhedora.

Para a sua instalação foi expressamente construído um edifício de dois andares, de uma superfície total de 6.560m², compreendendo, no andar inferior, as instalações higiénicas e os vestiários, e no andar superior

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

De visita a seu filho, António Manuel Marques da Costa Rocheta, que se encontra estudando em Paris, seguiu para a referida cidade, acompanhado de sua esposa e filha, o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta.

Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Hugo Celorico Drago, residente em Lisboa.

Regressou de Lisboa, onde esteve tomando conhecimento das novas modas femininas, a sr.ª D. Julieta Correia Castanheira.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se nesta vila, em casa de suas filhas, o nosso prezado assinante sr. Manuel Francisco Aleixo, residente em Lisboa.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Martinho Andrade, residente em Matosinhos.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se em Castro Marim o nosso prezado assinante em Lisboa sr. José da Silva Ruivo Madeira.

Com curta demora, esteve nesta vila o nosso prezado assinante nas Furnazinhas sr. Francisco Afonso.

Com curta demora, esteve em Faro o nosso prezado assinante sr. Hermenegildo Neves Franco, digno presidente da Comissão de Propaganda e Turismo da «Casa do Algarve».

Nascimento

Em Madrid, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma robusta criança do sexo feminino, a esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. D. Francisco Lopes Tejero, digníssimo chanceler do Consulado de Espanha, nesta vila, e que presentemente se encontra naquela cidade.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Golol...

Começamos a receber a revista ilustrada de desporto «Golol...», de que é director o conhecido locutor Lança Moreira.

Com magnífica apresentação e profusamente ilustrada, esta revista, após o seu aparecimento, depressa se impôs pela sua escolhida colaboração e boas reportagens fotográficas.

A Cooperação

Continuamos a receber a interessante revista de cultura, informação e divulgação técnica «A Cooperação», que editou, em 15 de Maio, o seu n.º 13, com 48 páginas, insinuando colaboração seleccionada e um cromó a quatro cores, da autoria do grande pintor modernista Auguste Renoir.

Apresenta secções especializadas, dedicadas à indústria, comércio, agricultura, educação, literatura e convívio, contendo, todas elas, artigos de palpitante interesse.

Rumo

Acaba de ser publicado o n.º 3 desta magnífica revista de problemas actuais, de que é director o sr. Mário Pacheco.

Devido ao seu alto nível literário e ao interesse dos problemas abordados, esta revista impôs-se ao público português desde o seu primeiro número.

Com cinco secções, qual delas a mais importante, esta revista insere vários artigos de menção especial: «O progresso técnico e a vida rural»; «Gabriela Mistral»; «De um Diário de Crítica», etc.

Recomendamo-las aos nossos prezados leitores.

VIDA MILITAR Conta Gotas

Promoções

Por portaria de 23 de Abril último, inserta na O. E. n.º 4-2.ª Série, referida a 13 de Maio findo, foi promovido ao posto de coronel o sr. tenente coronel de Infantaria, comandante interino do Regimento de Infantaria n.º 4, Manuel das Dores dos Santos Madeira Junior, que havia sido promovido ao posto de tenente coronel em 18 de Fevereiro de 1955.

Com a promoção ao destacado posto de coronel, foi colocado como comandante da referida Unidade, deixando, assim, de desempenhar estas funções interinamente — funções que desempenhava desde 23 de Abril do corrente ano.

Ao ilustre e distinto oficial as nossas respeitadas felicitações, fazendo votos para que a sua acção, como oficial estudioso e competente, contribua para o bom nome e prestígio do «Regimento ao valor de Freire».

Por portaria de 18 de Abril findo, inserta na O. E. n.º 4-2.ª Série, referida a 13 de Maio, também findo, foi promovido ao posto de tenente coronel e colocado como 2.º comandante do Regimento de Infantaria n.º 4, onde pertence, o sr. major de Infantaria João Nunes de Moura Segurado, que desempenhava as funções de comandante do Q. P. da mesma Unidade, a quem enviamos os nossos sinceros parabéns.

Condecorações e louvores

Por portaria de 16 de Abril findo, inserta na O. E. n.º 4-2.ª Série, referida a 13 de Maio findo e 18 de Abril, da mesma O. E., foi louvado, pelos relevantes serviços que prestou durante o funcionamento do Curso de Sargentos Milicianos de Tavira, de que era director, e condecorado com a medalha de prata de serviços distintos, o sr. major José Junqueira dos Reis.

Colocações

Por portaria de 12 de Abril do corrente ano, inserta na O. E. n.º 4-2.ª Série, referida a 13 de Maio findo, foi colocado no Regimento de Infantaria n.º 4 o sr. major José Maria Gil Júdice.

FOI INAUGURADO EM SANTA BARBARA DE NEXE UM POSTO MATERNO-INFANTIL

Perante diversas autoridades e uma numerosa assistência, foi inaugurado, no passado dia 27 de Maio, pelo sr. Governador Civil, dr. António Baptista Coelho, em Santa Bárbara de Nexe, um Posto de Assistência Materno-Infantil, melhoramento que há muito era grande aspiração da população local.

Ao acto inaugural assistiram também os srs. dr. Luís Gordinho Pereira, presidente da Câmara Municipal de Faro, dr. Brito de Moura, subdelegado distrital, e dr. Rogério Peres, médico do Instituto Materno-Infantil.

VENDE-SE

UMA GELEIRA TIPO FRIGORÍFICO INFORMA: JANELAS VERDES VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BARCO DE RECREIO

7 metros de comprimento, com cabina, motor de 10 H.P. Marítimo, marca NIAGARA Vende: - Eduardo Arcanjo FARO - Telef. 217

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Eis que vejo um grupo ao meu encontro. São seis pessoas. Três raparigas, um homem, uma velha e uma menina. Todos negros. Alegres, a dentadura brilha. As três mulheres vão adiante, com os braços pelos ombros umas das outras. O homem vem a seguir, batendo com uma chibatinha nas próprias pernas. Atrás, a velha e a criança. Paro, surpresa, como quem achou uma prenda. Que maravilha de criança! Que olhos tão cheios de luz e de doçura! Quando esbarram comigo vestem-se, até aos pés, de receio, de dúvida, a luz dentro deles atenua-se. Mas logo que um sorriso se debruça dos meus lábios, imediatamente todo o gelo se funde e a luz volta a subir nos olhos mansos como aquelas flores majestosas dos cactos gigantes.

— Como te chamas? — pergunto.

— Diz, menina, diz explicadinho — acode a avó.

A menina murmura qualquer coisa que não entendo.

— Juvenália — traduz a avó — Está envergonhada. Certas palavras ainda não diz muito bem. Dançar é que ela dança.

Quer ver?

E bate palmas, ritmadamente. Qualquer coisa como o Rock and Roll. Ela própria ginga e requebra as ancas frouxas em volta da menina. Esta, ao principio, não reage. Depois, esquece-se da minha presença e, levada pelos movimentos da escarumba velha, inicia um baile, hesitante primeiro e depois convicto, absorvente. Não retira os olhos da avó, que bate as palmas. Hipnotizada. E quando as palmas bruscamente cessam, ela continua, ao longo de alguns segundos, a inclinar-se, a pular, a torcer o corpo franzino. O homem, parado, sorri.

— A sua menina é muito bonita — digo.

— Acha?

— Maravilhosamente bonita. Bonita como o Sol.

Ele, sem querer, torna os olhos para o céu. E depois, como se fiasse para si apenas: — Sim, sim. Como o Sol.

Afasto-me. Tenho de ir. Senão, não encontro nada na praça. Adiante, quando o carreirinho descarrega na estrada, volto-me. As mulheres e as crianças vão longe, mas o homem está parado, no mesmo sítio, tirando o chapéu, agitando as mãos. Uma onda de ternura e de confiança inunda-me o coração.

Já que falei em praça

Não era isto do que lhes queria falar hoje. Aliás, antes de começar a escrever não sei nunca do que vou falar. A colheita em mim é sempre feita de improviso. Por isso, as minhas crónicas insignificantes têm estes olhos abertos, espantadiços, de menina que lograva num pinhal, à vontade, e se vê, repentinamente, deambulando no caminho civilizado.

Mas falei de praça, e já agora aproveito para lhes dizer que poucas cousas há que aprecie tanto como os mercados e as feiras e as praças. Cada uma das minhas visitas dava um romance, se me pusesse a isso. Se me pusesse a isso — eis a dificuldade. A ideia de escrever trezentas ou quatrocentas páginas infunde-me um terror pânico. Há que catalogar, organizar, chocar, demorar. Ter armários e prateleiras e máquinas de escrever. Nada para o meu feitio, que me pede ir ao fundo do oceano ou do charco só de uma virada. Que me pede, em vez de um cavalo fogaço, uma aveia de mil cores, rápida e frágil, com poiso obrigatório a cada gesto de acácia.

Mas a praça... Ah, sim. Foi no domingo à praça. Trouxe, no saquinho de plástico, os mantimentos do dia. Levava cem escudos e tudo me ficou por lá. E trago quase nada!

Vou eu atelmando nisto e vejo uma mulher baixa, magrinha, toda vestida de preto, namorando a bancada das laranjas.

— Quanto a dúzia? — Catorze escudos. — E' o menos? — O menos, freguesa. Afasta-se, até à porta do talho. Ai, pára e abre o portamóedas, que despeja na palma da mão. Faz as suas contas e torna a aproximar-se da bancada.

— A como vende cada? Só uma? — Mil e duzentos. — Fica por dez... — Mil e duzentos, freguesa. Abana a cabeça. Afasta-se. Antes de chegar à porta da saída, volta-se para fitar as laranjas. Depois, violentamente, com uma súbita expressão de dureza na face magrinha, atravessa a rua.

Marla Manuela Nunes

PROVINCIA

TAVIRA

Semana do Ultramar

Por iniciativa da Sociedade de Geografia e integrada na «Semana do Ultramar», realizou-se na 6.ª feira, dia 31 de Maio, pelas 22 horas, no quartel da Lança da Legião Portuguesa, em Tavira, uma interessante palestra, a qual foi proferida pelo comandante de Lança sr. Paulo Gonçalves Raimundo, subordinada ao tema: «Portugal Ultramarino — A Guiné». O orador foi muito aplaudido pelos convidados que ali se encontravam. Agradecemos o convite recebido.

Concertos musicais

A Banda de Tavira tem realizado aos domingos, sempre que o tempo o permite, concertos musicais no Jardim Municipal, que são ouvidos com todo o interesse por muito público. No passado domingo, foi executado um programa com números de bastante categoria artística, os quais maravilharam a assistência.

Desastre

No passado dia 22 de Maio, ao quilómetro 367, entre Tavira e Luz, por motivo de se ter espantado a nuar, foi colhido pela automotora n.º 9.732, que saíra da estação desta cidade às 16.42, o sr. Joaquim das Dores Viegas, trabalhador rural, de 44 anos, caseiro na fazenda do sr. Manuel Pires Mateus. Do embate resultou a morte do condutor da carroça e da nuar que a conduzia, pois foram projectados a alguns metros de distância.

Parque Municipal

Consta que brevemente reabrirá este parque, com os costumes festivos populares, que anualmente, a partir de Junho, costumam ser realizados neste recinto, um dos melhores da província. Fazemos votos para que a organização que vai presidir a este empreendimento seja mais feliz, pois tais diversões, mercê de razões inexplicáveis, dão sempre prejuízos, o que é de lamentar.

O tempo

Na semana finda, choveu abundantemente, o que muito alegrou os lavradores. Já se fazia sentir a falta de chuva para algumas plantações e oxalá que o ano agrícola seja bom. Estes são os nossos votos. — C.

QUIOSQUE

Aluga-se em boas condições, na Avenida da República. Tratar com o próprio.

ODELEITE

Rocio Paroquial

Há anos, em 1934 ou 1935, por ordem superior, foi mandado demarcar os rocios, onde o nosso, junto a esta localidade, entrou nesse número.

O engenheiro, encarregado para tal fim, acompanhado dos membros da Junta de Freguesia, levantou a planta do mesmo, fazendo-o demarcar. Volvidas que são mais de duas décadas, é já muito difícil limitá-lo, à simples vista, por os marcos terem desaparecido, dando a impressão que, aos poucos, tem havido ultrapassagens, que às vezes ocasionam mal entendidos entre os proprietários confinantes.

Ora, se o referido rocio é um recinto público — isto é, a parte não ocupada por moradias, que para isso foi dado — e sob a administração das Juntas de Freguesias, que não podem ceder a mínima parcela, gratuitamente, não faz sentido que vá diminuindo progressivamente, tornando-se em propriedade agrícola cultivável.

Pássaros daninhos

Como uma praga, os pardais apareceram este ano em tal quantidade que tudo devastam. Para mais, têm abrigos seguros para os ninhos; e, proliferos como são, não temos dúvidas em afirmar que, dentro de pouco tempo, providências terão que ser tomadas.

Afirma-se que as aves são grandes amigas do lavrador, pela quantidade enorme de insectos que destroem; mas o pardal deve ser uma excepção à regra.

Nos buracos dos andaimes na parede da igreja, há ninhos em quantidade e bom seria que alguém pedisse autorização para os destruir, o que só nos beneficiaria.

Falecimento

Após prolongado sofrimento, faleceu no passado dia 27 de Maio o sr. Custódio Gomes, natural das Furnazinhas. — C.

Seja económico

Poupe muito dinheiro

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica. VILA REAL DE STO. ANTÓNIO Telefone 59 Apartado 3

Está V. S.ª interessado em adquirir? Painéis de Pressão Aspiradores ou enceradoras Balanças domésticas Esquentadores a gás Ferros eléctricos e torradeiras Fogões a gás e eléctricos Frigoríficos Gira-discos Hidro-extractores Pilhas secas e lanternas Misturadores eléctricos Utensílios eléctricos Máquinas de lavar Máquinas de escrever Máquinas de calcular e somar Máquinas e artigos fotográficos Relógios despertadores Conta-minutos com alarme Televisores e antenas T. V. Rádios de mesa e portáteis com onda marítima Agradeço que consulte a AGÊNCIA COMERCIAL E MARÍTIMA DO SUL AVENIDA DA REPÚBLICA, 65 — Telefone 76 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO Grandes facilidades de pagamento sem aumento de preço

AGENDA

Table with columns for Movimento da Lota, Traineiras, Cercos, Atum da Costa Algarvia, Atum da costa de Marrocos, Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António, Entrados, Saídos, and Farmácia de Serviço.

UMA CRÓNICA POR SEMANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

um grande refeitório, servido por uma cozinha ultra-moderna e por um bar.

O «Centro Médico», instalado no andar inferior do edifício, assegura a assistência sanitária e vigia permanentemente as condições fisiológicas dos operários, em função do trabalho que realizam.

O Centro dispõe não somente de consultórios de clínica geral bem apetrechados para o exame médico e laboratorial, mas ainda de consultórios de especialistas e duma instalação radiológica completa.

Uma loja, situada nas proximidades das instalações fabris, proporciona aos operários a possibilidade de adquirir produtos alimentares ou de consumo, a preços reduzidos. A loja fornece também uma espécie de vales para aquisição, nos estabelecimentos da cidade, de artigos vários, em condições vantajosas.

O bairro «Rinaldo Piaggio» está situado nas proximidades da fábrica e compõe-se de 24 edifícios, representando um total de 1.068 habitações, ocupadas por 1.200 operários, empregados e membros de família, com os seus estabelecimentos, garagens, lavanderia e uma loja de produtos alimentares e de consumo. No centro do bairro, situa-se a igreja, recentemente ampliada e enriquecida. A assistência religiosa e os officios eclesiásticos são confiados a um sacerdote privativo, residente no próprio bairro.

Existe também um serviço de assistência social, dependente de um concelho que actua em colaboração com o Instituto de Previdência e Mutualidade e que está dependente da Direcção do Pessoal.

A assistência à infância é confiada a um Asilo-Creche, construído de harmonia com os critérios racionais modernos, dispondo de assistentes sanitários, professores e médicos pediatras que orientam a formação e a saúde das crianças.

Num edifício anexo ao Asilo, funcionam, a par do curso dos liceus para os filhos dos beneficiários, cursos de corte, costura, bordados e de economia doméstica.

A organização social da Piaggio dispõe ainda de uma Colónia de Montanha, instalada nos Apeninos, que recebe durante o ano numerosas crianças, filhas de empregados e operários da empresa, tanto em Itália como no estrangeiro.

A colónia dispõe de um edifício moderníssimo e das melhores condições para o fim a que se destina e de pessoal devidamente treinado para a sua missão.

A fim de poder acolher as pessoas que não pertenciam aos agregados familiares instalados em Pontedera (onde se encontram as instalações fabris italianas) ou os visitantes de passagem, construiu-se um hotel com todo o conforto moderno.

O «Centro Cultural e de Recreio» compõe-se de uma biblioteca com mais de 2.000 volumes, uma sala de leitura com numerosas publicações técnicas e de actualidades, bilhares, ping-pong, salas para concertos e espectáculos de variedades, televisão, cinema e bar.

Realizam-se constantemente concertos, espectáculos para as crianças, bailes, conferências e organi-

zam-se exposições artísticas, etc.

O «Centro Desportivo» dispõe de um campo de futebol, de um «court» de ténis, de campos de basquetebol, voleibol e patinagem sobre rodas.

Existem actualmente duas equipas de futebol, das quais uma participa no campeonato da primeira divisão e a outra no campeonato de juniores. Uma equipa de basquetebol e uma de voleibol, compostas exclusivamente pelos residentes no bairro e por infantis.

Acaba de terminar a construção de um «Centro de Infância», composto por uma sala de ginástica, uma sala de jogos e uma outra para reuniões. Na primeira, os professores de cultura física ministram cursos de ginástica, esgrima e preparação atlética.

Alguém será capaz de responder à pergunta que pusemos no começo desta crónica?

José dos Santos Marques



DESPORTO

FUTEBOL

TORNEIO POPULAR

De semana para semana, o Torneio Popular de Futebol vai suscitando maior interesse nos meios desportivos locais, pelo que, no passado domingo, o campo Francisco Gomes Socorro registou uma enchente de adeptos, ávida de ver actuarem os simpáticos grupos na 2.ª jornada do mesmo Torneio.

Eis o relato dos encontros:

BEIRA-MAR, 1 — ATLÉTICO, 1
BEIRA-MAR — J. Trindade, José Luís, Ismael e Domingos; José António e Calvino; Lopes, Bartolomeu, Borges, Araújo e Damião.

ATLÉTICO — Godinho, J. Maria, Natálio e Vargas; Joaquim e Modesto; Rodrigues, Carlota, Salvador, Marques e Palma.

A partida foi disputada em toada de equilíbrio, do princípio ao fim, pelo que o resultado de 1-1 se adapta perfeitamente ao desenrolar do encontro. Houve, no entanto, jogadas a meio campo de ambos os grupos que, com um pouco mais de serenidade, poderiam ter sido convertidas em golos.

Arbitragem de José David.

HORTALENSE, 2 — CELEIRO, 1
HORTALENSE — José António,

Campeão, Viegas e José F.; António e Armando; Normando, J. Pereira, Raimundo, Vital e Cartucho.

CELEIRO — Belo, Raimundo, José e Noia II, Joaquim e Rogério; Noia I, J. Pedro, Viegas, Barradas e Nica.

Vitória justa do Hortaleense. O triunfo aceita-se pelo trabalho realizado no primeiro tempo, em que a equipa se esforçou bastante. No entanto, com um pouco mais de sorte, poderia ter marcado mais tentos. Arbitragem de André Roque.

A 3.ª jornada teve início na passada quinta-feira, dia 30 de Maio, em virtude de hoje o Lusitano disputar um encontro no seu campo.

CELEIRO, 2 — GUADIANA, 1

CELEIRO — Belo, Raimundo, Salinha e Rogério; Leal e José; Noia II, Noia I, J. Pedro, Barradas e Nica.

GUADIANA — Branquinho, José Maria, Segura e Ismael; Oliva e Bonança, Jica, Aleixo, Ramirez, C. Peres e Helder.

O jogo começou com grande entusiasmo da parte do Celeiro, que beneficiou de vento a favor, prosseguindo, até final, na mesma toada de animação. Aos 9 minutos, foi marcado o primeiro tento, por intermédio de Barradas.

Porém, os adversários replicaram valorosamente, marcando o golo do empate, aos 32 minutos, por intermédio de Jica.

No segundo tempo, José Pedro deu a vitória ao Celeiro, concretizando uma grande penalidade.

Arbitragem de André Roque.

Hoje, domingo, pelas 16,30 horas, realiza-se, no Campo de Jogos Francisco Gomes Socorro, um encontro amigável de futebol entre as equipas do Lusitano F. C. e do Sporting Clube Farense, o qual se deslocará a esta vila apoiado por numerosa falange de adeptos.

Antes deste encontro, que se tem aguardado com bastante expectativa, exhibir-se-ão as escolas de jogadores de ambos os clubes, as quais disputarão uma taça.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

(2.ª Publicação)

No dia 13 de Junho de 1957, pelas 11 horas, no Tribunal desta comarca, nos autos de Acção Especial de Divisão de Causa Comum que corre pela Secretaria do mesmo Tribunal contra Ismael Rafael Pacheco e esposa D. Albina dos Mártires Gonçalves Pacheco, ele proprietário e comerciante e ela doméstica, residentes nesta Vila, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte prédio:

Prédio urbano, sito na Rua França Borges, da Vila e freguesia de Castro Marim, consta de uma morada de casas térreas, com quintal. Inscrito na respectiva matriz sob o art.º 65 e descrito na Conservatória do Registo Predial e comercial deste concelho, sob o n.º 7.310, a fls. 193 do Livro B-17. Vai à praça no valor de Esc. 4.056\$00.

São por este notificadas as pessoas a quem a lei reconhece o direito de preferência.

Vila Real de St.º António, 21 de Maio de 1957.

O Chefe da Secção de Processos, (a) António Figueiras da Cruz

Verifiquei

O Juiz de Direito,

(a) Francisco Nunes Correia

UNIÃO NACIONAL

A fim de tomarem posse dos lugares de presidente e vice-presidente da União Nacional, deslocaram-se a Faro os srs. dr. Francisco Dias Cavaco e dr. Manuel Fernandes Vargas, que se faziam acompanhar do sr. prof. Francisco Caldeira Alexandre.

Na sede da Comissão Distrital daquele organismo foram recebidos pelos srs. dr. José Correia do Nascimento, presidente da referida comissão e dr. José Ascenso, reitor do Liceu, que representava o sr. Governador Civil, e várias entidades.

No acto da posse, usaram da palavra os srs. dr. Francisco Dias Cavaco, dr. Manuel Fernandes Vargas, dr. José Correia do Nascimento e dr. José Ascenso.

ALFAIATE

JOSÉ MADEIRA

Diplomado pela Academia de Corte Maguidal

Participa que abriu a sua Alfaiataria na rua da Princeza, próximo do Hotel Guadiana, onde espera receber a visita dos seus estimados clientes.

Vila Real de Santo António

PRÉDIO

Vende-se, situado na Rua Vasco da Gama, 22, desta, com 9 divisões, quintal e varanda.

Trata Alfredo Gonçalves, Rua Eça de Queiroz, 45, em Vila Real de Santo António.

PROPRIEDADE EM QUELFES

VENDE-SE

A parte sul (cerca de metade) da propriedade rústica, denominada «Palmeira», que consta de terra de semear, diverso arvoredo e casa de lavoura, situada em Quelfes, com portão de acesso no largo principal da aldeia (frente à igreja, no concelho de Olhão).

Dirigir propostas a Clara S. Afonso Romero, Rua Nova do Almada, N.º 59, 4.º — LISBOA — Telefone 27.225.

VAI CASAR UMA SUA AMIGA?
NÃO SABE O QUE LHE OFERECER?

VISITE A

MERCEARIA NOVA

JOSÉ BENTO DE SOUSA E FILHO

onde encontrará os mais bonitos brindes em

VIDROS E LOUÇAS

das melhores qualidades, não pagando luxo.

Rua Barão Rio Zézere, 19 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A TODO O ALGARVE

PENSÃO RESIDENCIAL DO SUL

Participa a inauguração do alargamento das suas instalações.

Optimos quartos com água corrente e camas, como nos bons hotéis.

Rossio, 59-2.º e 3.º Esq.º — Telefone 22511
LISBOA

Filial — Pensão Estrela dos Anjos (1.ª Classe)

Serviço de Restaurante, recentemente inaugurado a preços acessíveis.

Rua dos Anjos, 70 — Telefone 41379
LISBOA

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António Anúncio

Faz-se público que no dia 19 de Junho de 1957, pelas 15 horas, na Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de «CONSTRUÇÃO DO CAMINHO DE ACESSO À PRAIA DE SANTO ANTÓNIO — 2.ª fase».

Base de Licitação Esc. 86.691\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas Filiais ou Delegações, o depósito provisório de 2.167\$00 (dois mil cento sessenta e sete escudos), mediante guia passada pelo próprio em qualquer dia útil até quarenta e oito horas antes do dia do concurso.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis e durante as horas de expediente, na Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e na Direcção de Urbanização de Faro.

Vila Real de Santo António, 25 de Maio de 1957.

O Presidente da Câmara,

José Victor Adragão



ESTA É A GARRAFA DO REFRIGERANTE QUE FOI SEMPRE PREFERIDO POR QUEM SABE ESCOLHER

POR ISSO,

NÃO PERMITA QUE NA SUA MESA HAJA OUTRA, POR QUE AO TOMAR UM REFRIGERANTE SIMON TOMA O MELHOR REFRIGERANTE

QUE AGORA,

OFERECE AO CLIENTE NOVOS TIPOS E SABORES TAMBÉM DELICIOSOS E AO PREÇO HABITUAL DE

1\$20

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

rando deste modo um desequilíbrio, ou aquela em que se opera uma acção de crescimento.

Portimão pertence a esta última categoria. No plano geral do nosso país, em que as cidades, salvo os raros grandes centros populacionais, orçam pela dezena e meia de milhares de habitantes, Portimão é uma cidade média. Contudo, pela situação geográfica, rica de solo e de mar, cercada de belezas naturais das que justificam os grandes centros mundiais de turismo, não há dúvida de que ela reúne as condições necessárias para se tornar, no futuro, uma cidade de primeira grandeza.

Precisa, para tal de que os seus filhos saibam explorar estas condições como convém, isto é, levando pelo melhor caminho as suas forças maiores, aquilo a que se poderá talvez chamar o espírito de cidade. E o espírito de Portimão reside principalmente em três poderosas forças — comércio, indústria e turismo.

Comércio — dos produtos regionais em troca daqueles de que a cidade carece como centro industrial que é; indústria — das suas riquezas de mar e de terra; turismo — de toda a incomparável região, da qual a Praia da Rocha é o grande fulcro, são as pedras basilares em que assenta a esperança portimonense em dias melhores.

Portimão há-de encontrar o seu melhor caminho, e se é já hoje uma cidade média, esperemos que o seja grande, num futuro próximo a bem do País, do Algarve e de todos nós.

Candelas Nunes

EM BUSCA DE UMA HEROÍNA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

jeiro, para tocar a rês, quando esta tenta parar ou só reduzir o andamento.

Num plano superior, destacava-se a moradia, com muitas divisões e anexos, de uma casa de gente rica, de imenso labor agrícola. Ao lado esquerdo, elevava-se uma açoteia, sobre a qual se distinguia uma rapariga nova, de compridas pernas e longos braços, mexendo, com os seus esguios dedos, os figos que tinham a secar ao sol, em esteiras de cana. O seu vestido tinha o corte arioso do de uma rapariga da cidade, e por baixo do seu chapéu masculino, de muita elegância, via-se um lenço de seda, cujas pontas caíam com admiráveis madeiras de cabelos claros, que podiam ser tomados por louros.

Eu acocorei-me por trás de umas moitas de aroeiras, para melhor admirar todo o quadro.

A rapariga sumiu-se no plano da açoteia, aparecendo a uma janela baixa, por onde libertou uma perna nua até ao joelho, procurando o terreno com o pé, para onde saltou.

Consertando as saias e a blusa, sem saber que estava sendo observada, deu volta ao prédio e abriu uma porta que dava para o norte. Por ela saiu logo, impaciente, um poldro novo, em idade de dar cavalaria. Atrás dele, uma égua e outro poldro mais novo e, por fim, uma mula, que logo se dirigiram todos a um tanque de água, ao sul, onde beberam com sofredor.

O poldro de mais anos mostrava mais vontade de brincar do que mostrou de beber, e fugiu. A rapariga começava a impacientar-se com a desobediência dele, como quem tem mais que fazer. Muniu-se de uma corda comprida, com um bridade na extremidade. Fez com a outra ponta um laço de correr e, como último recurso, prendeu-o de longe, pelo pescoço.

O animal empinou-se, estrebuchou violentamente e, quase estrangulado, rendeu-se o tempo suficiente para a sua dominadora lhe enfiar os ferros na boca. E, firmando-se nas rédeas e nas crinas, sentou-se-lhe no dorso, muito descomposta na luta, e rompeu num galope ritmado, até à estrada.

Da estrada, voltando numa curva elegante, foi até à partilha

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

O SERVIÇO DE LIMPEZA NA VIA PÚBLICA DA NOSSA VILA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

blemas que mais afligem essa população é o da limpeza das ruas, pelo que carece de ser remodelado no mais curto espaço de tempo.

O facto de possuir um mercado, onde se transaccionam grandes quantidades de mercadorias, principalmente hortícolas, faz deslocar até esta vila inúmeros proprietários de veículos hipomóveis, que aqui vêm expor o produto das suas colheitas.

Esse mercado está situado na parte mais central da vila. Cerca dele, concentra-se quase todo o comércio local: mercearias, pastelarias, cafés, casas-de-pasto, leitarias, depósitos de frutos, enfim, uma quantidade razoável de estabelecimentos onde se adquirem produtos alimentícios, que muitas vezes não estão devidamente resguardados das poeiras.

Ora, do estacionamento dos solípedes, naquela área, resultam acumulações de excrementos, que estagnam sobre o pavimento até à chegada dos serviços de limpeza. Além disso, nas proximidades do mercado, quase sempre se depara com grande quantidade de detritos, tais como cascas de frutos, sobeijos de comidas, etc., que, além de darem uma nota triste ao local, são um perigo para a saúde pública.

Os trabalhos de limpeza, em redor do mercado, iniciam-se tarde, quase sempre por volta das 11 da manhã, à hora em que aquele, e geralmente todo o comércio, se encontram em pleno movimento, repletos de donas de casa na faina de adquirirem os géneros essenciais à alimentação. A hora tardia em que a limpeza é efectuada dá origem a elevar-se no ar grande quantidade de pó, impregnado de todos os defectos, já ressequidos, que, ao sabor da brisa, se espalham por toda a parte.

Este inconveniente tem de ser tomado na devida conta pelas autoridades competentes.

Igualmente nos informou o sr. dr. Francisco Dias de que já oficiou para a Câmara Municipal no sentido de se pôr termo a tão contraproducente serviço, que pode ser a causa de graves doenças, sem que até agora o problema tenha sido resolvido satisfatoriamente.

Esperamos que a nossa Câmara de rápida resolução a este problema, que merece a melhor atenção.

O sr. subdelegado de Saúde, continuando a sua amável conversa, informou-nos ainda de outras anomalias, no que diz respeito à saúde pública, e que têm de ser resolvidas quanto antes por proprietários de vários estabelecimentos.

Assim, esclareceu-nos, tem informado os proprietários dos talhos de que lhes é necessário terem, junto a si, bacias providas de torneira, com água corrente, onde possam, de vez em quando, lavar as mãos, pois, além de trabalharem com a carne e as ferramentas, manuseiam o dinheiro das vendas e respectivos trocos, o que não é higiénico.

Igualmente, os barbeiros são obrigados a usarem batas brancas. No entanto, sabe-se que muitos deles não têm dada a devida atenção a tal obrigatoriedade.

Depois de mais alguns minutos de conversa, despedimo-nos do sr. dr. Francisco Dias Cavaco, que tão gentilmente nos tinha recebido.

A. de Mendonça

"NOTÍCIAS DO ALGARVE"

Por estarmos a preparar o número comemorativo do 4.º aniversário deste jornal, a sair em 16 de Junho, o «Notícias do Algarve» não se publicará no próximo domingo, dia 9, do que pedimos desculpa aos nossos estimados leitores.

sua maneira de vestir e de falar. Ela então encheu-se de brio e adoptou os seus figurinos e a sua gramática. Pareceram logo outras, chamando a atenção dos poetas, dos galantes das cidades. Até os donos dos estabelecimentos perderam a cabeça com a ideia do lucro que tirariam, chamando-as para o seu serviço.

Casas de modistas de senhoras e de alfaiatarias de homens encheram-se delas, e em pouco tempo as hortas ficaram abandonadas. Tudo acorreu às cidades, às vilas, às simples aldeias a exercer suas novas missões. Quem estiver atento verá todas as estradas e caminhos, logo de manhã, cheios de raparigas, de bicicleta, a pedalar, todas ufanas com os seus novos penteados da moda, os seus vestidos farfalhados e perfumados, para a cidade. Faro é a maior tentação da gente moça!

— E esta linda rapariga, que daqui safou ainda agora, nunca foi tentada?

— Tentada como poucas, mas experimentando, pouco tempo depois fugiu de lá, espavorida. Foi numa casa de confecções de vestidos de senhora e de fatos de homem. Ela aplicou-se com tal gosto e vontade que, passado um ano, sabia fazer de tudo. O patrão gostava dela mais do que de nenhuma outra e todos os dias lho dizia, em segredo, e lho demonstrava por todos os modos. Ela chegou a acreditar que era do coração.

— Ele era solteiro? — Não tinha mulher e uma tarde foi-a demorando até não se encontrar ali ninguém. Chamou-a ao seu gabinete e começou a fazer-lhe propostas galantes, primeiro com palavras e depois com as mãos. Ela... percebeu. Olhou em redor e viu uma janela entreaberta para o quintal. Como estava, saltou por ela e logo pela porta da rua, deitando a correr, aterrada, como se um touro a perseguisse, até uma estação de automóveis. Saltou para dentro de um, gritando o nome da sua casa.

E nunca mais voltou à cidade. Choveram os recados que voltasse, as censuras das amigas, de faltar por uma bagatela. Nada a fez voltar. E anda entregue à profissão das suas avós e tias e já não quer outra.

Foi uma grande pena. Em Faro

SEGURANÇA PARA OS PESCADORES ALGARVIOS

A protecção ao trabalhador não reveste apenas os aspectos assistenciais. Há um outro aspecto de protecção tão importante como aquele, e que representa para o trabalhador um indiscutível direito — mormente para o executante de tarefas árduas e perigosas. Referimo-nos à criação das imprescindíveis condições de segurança, que defendam a vida dos trabalhadores e a conservação das suas ferramentas.

A recente conclusão, por parte dos próprios técnicos que há perto de dez anos estão a construir dois molhes na barra de Portimão, de que os mesmos não poderão corresponder às condições mínimas a que se destinavam — criar a segurança para os pescadores que utilizam aquela barra — vem dar uma séria actualidade a este problema da criação de condições de segurança para os pescadores do Algarve.

Toda a costa algarvia — se exceptuarmos Lagos, cuja baía é segura por condições naturais — está erigida de perigos para a população piscatória daquela província. Gente que vive quase exclusivamente da pesca, os al-

garvios ainda hoje são forçados a fazerem-se ao mar, para angariar o seu pão, nas mesmas condições em que o faziam há um e dois séculos atrás.

Na barra de Olhão, por exemplo, são frequentes os acidentes — muitas vezes mortais — que atingem os bravos pescadores e lhes destroçam redes e barcos. Apesar dos meses de defeso — de meados de Janeiro a meados de Maio — o mau tempo nem sempre coincide com a lei que o prevê...

E sempre que a tempestade se processa fora do defeso, acontece que a classe piscatória algarvia parte para o trabalho de cada dia arriscando a sua vida, — o que não parece justo numa época em que o progresso técnico minorou já, em muitos aspectos, as condições de perigo para as classes piscatórias.

No entanto, é desoladora a falta de instalações de segurança ou apropriadas a socorros imediatos, ao longo de toda a costa algarvia. Urge que as autoridades competentes encarem o problema, e se inicie prontamente um plano eficiente para defender a vida dos pescadores algarvios, que têm direito a essa protecção.

FALA DO INFANTE

AOS MARINHEIROS ALGARVIOS

«Gente da beira-mar, de pele escura, Sem contracções de febre ou dissonâncias, Que traz no peito o germe da aventura E um sonho lirico a apontar distâncias. Gente de carne ao sol, nua de agoiros, Livre do medo de qualquer vertigem, Que tem sempre a boiar nos olhos moiros A extensão sem medida de um mar virgem. Heróis que partem conquistando a treva E hão-de lutar enquanto as forças derem, Que é portuguesa a tentação que os leva E algarvia a vitória que trouxeram. Não há procela que os assuste ou dome; Seguem em frente sem cansaços, vede, Sonhando pão nos lábios cor da fome Sonhando água nos olhos cor da sede. Vão a bordo das naus, onde eu nem sei!, Troçando das ciladas do Inimigo — Naus que nasceram no pinhal de El-Rei E que são filhas dos Cantares de Amigo. Não levam nem temor nem sobressalto, Pois têm, a abençoar-lhes o intento, O sangue do Senhor a rezar alto Nas velas pandas, grávidas do vento. Meus marinheiros, firmes como leis, Que nascestes beijados pelo Mar E que por mim mais terra encontrareis Se mais terra ainda houver para encontrar; Meus algarvios que sorris da Morte: Vós sois, nesta aventura sem igual, Os portugueses que, de Sul a Norte, Mais portugueses são em Portugal»

MARIA HELENA

AMAR O PRÓXIMO...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

de estudo e tratamento, parte da sua fortuna.

Tenho sempre presente a figura, humana acima de tudo, desse humilde João Cidade, que a Igreja elevou ao altares com o nome de São João de Deus e que, na cidade espanhola a que se acolheu, supplicava, lançando o pregão nas ruas — daí esmola a vós mesmos.

Profundem estas palavras, apreendei-lhe o sentido.

"POVO ALGARVIO"

Festejou o seu 25.º aniversário no passado dia 26 de Maio o nosso prezado colega «Povo Algarvio», de Tavira.

Por tal facto, apresentamos-lhe cumprimentos de felicitações, com votos de muitas prosperidades.

ou em Tavira seria uma ótima cidadã, digna de figurar nas páginas de um romance de amor. Assim... não.

Sousa Nunes

Mesmo para aqueles que não acreditem numa outra vida após esta, onde irão receber o prémio dos seus benefícios ou o castigo dos seus danos, elas ficam a marcar um caminho — aquele que leva à paz da nossa consciência. E esta só se consegue no cumprimento dos nossos deveres, o primeiro dos quais é considerar todos os homens como nossos irmãos.

Dar sem ver, sem calcular, com o gesto largo do sementeiro que não prefere torrar quando lança a semente à terra.

Encontro no meu caminho, vivo comigo tantas crianças que eu sinto com fome, entregues, indefesas, às torturas do tempo...

Se houver alguém que não saiba em que aplicar os seus bens, aqui lhe deixo a sugestão:

Lembrem-se delas, e quando o seu nome sair dos seus lábios já virá unido de beleza, a beleza erguida e santificada pela inocência.

Trindade e Lima

Visado pela Comissão de Censura

"O HINO DE SAGRES" E A "TOPONÍMIA DO ALGARVE"

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

srs. dr. Luís de Oliveira Guimarães, representante da Sociedade dos Escritores e Compositores Teatrais Portugueses; dr. Garcia Domingues, da Comissão Cultural da «Casa do Algarve»; major Mateus Moreno, presidente da Direcção; e H. Neves Franco, 1.º secretário daquele organismo, o qual, em nome do Maestro Pavia de Magalhães, impossibilidade de comparecer, fez a apresentação da autora do Hino, traçando-lhe a biografia artística e salientando as suas afinidades espirituais com o Algarve, e do grupo coral da Escola Técnica Elemental Nuno Gonçalves, ali presente.

Seguidamente, o referido grupo coral, sob a hábil regência do seu professor, sr. Euclides Ribeiro, estando ao piano a distinta pianista algarvia D. Maria Alvelos de Sousa, executou primorosamente o «Hino de Sagres», que a assistência aplaudiu, demorada e entusiasmada — aplausos que também couberam ao autor da letra, que foi então revelado tratar-se do próprio presidente da Direcção, sr. major Mateus Moreno.

Apresentado, em seguida, pelo sr. dr. Garcia Domingues, o prof. José Pedro Machado prendeu, durante cerca de uma hora, o numeroso auditório com a sua notabilíssima conferência sobre a «Toponímia do Algarve». Após algumas considerações do maior interesse sobre os estudos toponímicos na actualidade e a sua importância, o conferente referiu-se a nomes locais do Algarve, a cujo estudo procedeu, distinguindo-se neles três tipos: arábizados, arábicos e portugueses, e exemplificando alguns casos de cada um desses tipos. A concluir, fez votos para que os estudos da história algarvia entrem em caminho de útil actividade, salientando a necessidade da publicação de um trabalho com toda a documentação sobre a história do Algarve.

A assistência, que seguiu com o mais vivo interesse a brilhantíssima lição do erudito professor, sublinhou-a com uma prolongada salva de palmas.

Depois da distinta poetisa D. Maria Helena ter declamado diversas composições da sua autoria e de poetas algarvios, o sr. conselheiro Sousa Carvalho, antes de encerrar a sessão, felicitou todos os colaboradores da mesma, tendo palavras de louvor para o sr. Libânio Correia, instituidor do prémio que tem o seu nome e que acabava de ser merecidamente entregue à ilustre compositora D. Elvira de Freitas Nobre Santos.

UMA ANTIGA E JUSTA ASPIRAÇÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

1926 —; já se disse que é difícil encontrar operários especializados: serralheiros, fundidores, motoristas, carpinteiros, marceneiros, desenhadores e pedreiros. A indústria local, atravessando um período de florescimento, atravessa também uma grave crise de falta de mão de obra especializada. É absolutamente necessário conjurar as dificuldades, que tolhem o seu progresso.

E isso conseguir-se-á, não com a rapidez que seria indispensável, mas num futuro próximo, se o sr. ministro da Educação Nacional — aliás técnico distintíssimo — quiser fazer justiça a esta importante zona algarvia, tão laboriosa e com firme anseio de progredir, se a ajudarem.

E a ajuda, neste caso, consiste em dotar a região de maior densidade populacional do Algarve com uma Escola Técnica.

CASA

Vende-se, (vaga) na Rua Pinheiro Chagas, n.º 42. Informa-se nesta redacção.